

XIV Seminário de Desenho, Cultura e Interatividade

30 e 31
outubro/2019
UEFS

O Pensar Desenho:

Reflexões Culturais e Interdisciplinares



O MÉTODO ICONOGRÁFICO COMO FERRAMENTA PARA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS MULTIMODAIS PRESENTES EM AVALIAÇÕES DE LÍNGUA ESPANHOLA.

Profa. Mestra Denise Pereira da Silva – DLA UEFS (dpssilveira@uefs.br)

Profa. Doutora Gláucia Maria Costa Trinchão - DLA UEFS (gaulisy@gmail.com)

Feira de Santana, Ba

2019

Resumo

Este artigo é fruto das pesquisas desenvolvidas no mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade e tem como tema o estudo do uso do método iconológico como ferramenta facilitadora na leitura das imagens presentes nas avaliações de língua espanhola. Para tanto, tomamos como *corpus* as questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), dos anos de 2013 e 2015. Este trabalho se justifica dado o uso cada vez mais intenso de textos multissemióticos em avaliações, exames, livros didáticos, e na mídia em geral. Porém, na contramão desta constatação, ainda não se verifica uso e emprego de métodos para a compreensão destes textos no âmbito do ensino de língua estrangeira, no caso aqui especificamente do espanhol. Diante desse panorama, e visando contribuir para uma melhor prática educativa, buscamos entender o conceito de imagem, e seu uso nas questões avaliativas, em seguida apresentamos o método iconológico - também conhecido como método de Panofsky (1932), o qual fornecem subsídios para a leitura imagética e posterior resolução das questões. Entendemos que, da mesma forma que é necessário aprender a ler os signos fônicos, também a leitura e interpretação de imagens perpassa por um aprendizado – a chamada, educação visual. Assim que, propomos, aqui, o uso da iconologia como uma das possíveis pontes entre a imagem e a sua leitura.

Palavras-chave: Textos multimodais; imagem; avaliação; iconologia; espanhol.

Resumen

Este artículo es fruto de las investigaciones desarrolladas en los estudios de maestría en Diseño, Cultura e Interactividad y tiene como tema el estudio del uso del método iconológico como herramienta facilitadora de la lectura de las imágenes presentes en las evaluaciones de lengua española. Con esto intento tomamos como *corpus* las cuestiones del Examen Nacional de la Enseñanza Media (ENEM), de los años 2013 y 2015. Este trabajo se justifica a causa del uso cada vez más grande de los textos multisemióticos en evaluaciones, exámenes, libros didácticos, y en los medios tecnológicos en general. Sin embargo, en la contramano de esta constatación, todavía no se identifica el uso y empleo de métodos para la comprensión de estos textos en el ámbito de la enseñanza de lenguas extrajeras, aquí nos fijaremos específicamente en el español. Ante este panorama, y objetivando contribuir para una mejor praxis educativa, buscamos entender el concepto de imagen, y su uso en las cuestiones evaluativas, luego presentamos el método iconológico – también conocido como método de Panofsky (1932), lo cual ofrece subsidios para la lectura de imágenes y posterior resolución de las cuestiones. Entendemos que, de la misma manera que es necesario aprender a leer los signos fónicos, hace falta aprender a leer las imágenes, a este aprendizaje llamamos educación visual. De ahí que, proponemos, aquí, el uso de la iconología como un posible puente entre la imagen y su lectura.

Palabras llave: Textos multimodales; imagen; evaluación; iconología; español

Introdução

Desde o período paleolítico a imagem se faz presente na história da humanidade, são as pinturas rupestres a confirmação de tal afirmação. Logo, é possível afirmar que, assim como a escrita, a imagem é um importante recurso para a comunicação de ideias e sentimentos, para os registros de memória, de experiências, das lembranças do passado, das ações do presente ou dos desejos para o futuro, constituindo-se como uma das múltiplas formas de linguagem.

Segundo Costa e Amaral (2017, p. 63) esta ação de registrar nasce em resposta “[...] a necessidade do homem de se comunicar[...]”, tendo surgido a partir do momento que este se descobriu “[...] ser capaz de analisar, refletir, interpretar e interferir na sua própria realidade[...]”, e segundo Joly (1994, p. 17) os remotos desenhos do período paleolítico provavelmente tinham o objetivo de comunicar mensagens, sendo os mesmos “os precursores da escrita”.

Assim, entendemos que para compreender e interpretar estas mensagens, cujo veículo é a imagem, se faz necessário um arcabouço de informações, adquiridas por meio de uma formação específica, a qual propiciará a compreensão e interpretação da mensagem presente no texto imagético. Para tanto, é preciso educar o olhar, educá-lo para perceber as relações entre os vários elementos que constituem um texto, tais como: palavra e imagem, palavra e gesto, palavra e entonação, palavra e tipografia, e os vários tipos de imagem, bem como os vários elementos que a formam, como a filosofia dos que a criaram, o momento histórico que representa, os aspectos sociais, econômicos, e educacionais, além da função que lhe é atribuída.

Por vivermos na era do virtual, estamos envoltos por imagens do acordar ao dormir. Estas imagens surgem através de TV, jornais, outdoors, placas, propagandas, folhetos e outras mídias. Mais que nunca vivemos o tempo da imagem, sendo esta um importante recurso para a transmissão de ideias, sentimentos, informações, e conhecimento, negá-la ou abstrair-se da necessidade de saber ler, compreender e interpretá-la, significa colocar-se aquém da realidade.

Diante de todas estas constatações é evidente que a imagem também se fará presente no ambiente de ensino de línguas estrangeiras, seja nos livros didáticos, nos chats, na publicidade, bem como nos diversos instrumentos e ferramentas de ensino e de avaliação.

Considerando tais afirmações, algumas questões se desenham, como por exemplo: De que maneira cada professor tem desenvolvido sua prática docente no que tange a leitura de imagens? São seus alunos preparados para a interpretação dos textos multimodais presentes em avaliações? Fazem uso de métodos de leitura de imagens ou sua prática se desenvolve a partir dos saberes acumulados ou empíricos?

Tais questionamentos nasceram de nossa experiência pessoal, e nossas (auto)narrativa gerou tais reflexões. Deste modo, este artigo se propõe a apresentar o método iconológico como uma ferramenta eficaz na compreensão de textos multimodais, podendo ser utilizado tanto para a interpretação destes textos, quanto na elaboração de avaliações e exames, dosando a partir dos níveis propostos por Panofsky a grau de dificuldade da questão, ou item avaliativo.

Assim, neste trabalho apresentamos de maneira prática o uso do método iconológicos nas questões de língua espanhola, presentes no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para tanto, utilizamos os itens que envolvem textos mistos, ou seja, que apresentam linguagem verbal e imagética, entre o período de 2010 a 2016, no qual desfila uma grande variedade de textos imagéticos, que vão da propaganda ao grafite.

Desenvolvimento

Este artigo é resultado de nosso trabalho desenvolvido no mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade, sob orientação da professora Dra. Gláucia Trinchão, neste investigamos a presença de imagens nas questões de espanhol no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), instrumento oficial de avaliação do ensino médio, que tem por objetivo oportunizar, via Sistema Unificado (SISU), o acesso a muitas Universidades brasileiras e algumas portuguesas.

Durante a pesquisa ficou evidenciado que as imagens neste exame dividem com o texto verbal o protagonismo nas referidas questões, sendo, portanto, indispensável o desenvolvimento de habilidades e competências para a leitura dos textos multimodais pelos discentes. Deste modo, acreditamos que seja importante ao educador um aprofundamento científico-pedagógico que o capacite a promover a construção de um processo interativo de interpretação e (re)significação de textos multissemióticos.

Diante de tais reflexões surgem questionamentos sobre qual tem sido a prática docente no que diz respeito ao ensino desta habilidade em suas aulas, pois é fato que, rotineiramente, estão as imagens presentes nos exames, nas avaliações, e/ou no livro

didático. A partir da escuta (auto)biográfica, foi possível refletir sobre quais foram as práticas pedagógicas ao longo dos anos, identificando que as análises imagéticas sempre foram feitas de maneira empírica, fruto de uma lacuna deixada na própria formação acadêmica, o que provavelmente ocorre com outros tantos professores.

Portanto, acreditamos que, indicar possíveis caminhos para tais práticas, é uma das funções deste trabalho, que pretende de maneira objetiva apresentar a aplicabilidade do método iconológico como um facilitador na tarefa de compreender textos multimodais, visto que tais textos veem adquirindo, cada vez mais, novas configurações, as quais transcendem as palavras, as frases, a modalidade restrita da escrita da linguagem.

O texto presente no livro didático, ou em exames, como o Enem, se apresenta constituído por elementos resultantes das múltiplas formas de linguagem, ou seja, da escrita, mas também, da oral e da visual, pois, como afirma Dionísio (2006), o avanço tecnológico fez surgir a necessidade de se desenvolver novas capacidades leitoras, principalmente relacionadas à leitura dos vários tipos de textos.

Para Xavier (2006), o texto é uma prática comunicativa materializada, a qual se dá por intermédio das múltiplas modalidades da linguagem, tais como: verbal (escrita e oral) e não-verbal (visual). Dentro do conjunto da linguagem não-verbal encontra-se a imagem, a qual é rapidamente associada ao desenho, pintura, gravura, fotografia, cinema, televisão, muito embora estas duas últimas apresentem também fala, textos escritos, música e som.

Santaella (2012) adverte que “o espectro de significados desta palavra imagem abrange outras formas de expressão não-visuais”, como é o caso das imagens verbais, presentes na poesia, ou ainda das imagens mentais e oníricas. O estudo da imagem possui uma vasta literatura, portanto, entender sua função enquanto texto capaz de despertar a reflexão e a criticidade é algo que já vem sendo tratado pela Linguística Aplicada, Análise do Discurso, Análise Crítica do Discurso, Análise do Discurso de Linha Francesa, Linguística de Texto, Pedagogia, Psicologia, Semiótica, Semiótica Social, Sociologia, isto graças a sua importância.

No entanto, o que propomos, aqui, é o uso do método iconológico como ferramenta prática para as leituras que se fazem necessárias nas várias avaliações, com as quais terá contato o nosso discente, que busca entender como relacionar e compreender os múltiplos elementos presentes nos textos das provas, as quais será submetido, devendo compreender e interpretar os textos em língua estrangeira,

reconhecendo, inclusive, aspectos sócio culturais e históricos dos países produtores das imagens apresentadas.

2.1 Panofsky e o método iconológico

Olhar as avaliações do Enem como objeto de pesquisa fez ampliar minha visão sobre seu papel, sua estrutura, seu conteúdo, e a forma pela qual buscar avaliar aos que se submetem ao mesmo. Mas também me conduziu através um olhar mais crítico e questionador quanto a um dos aspectos mais recorrentes no mesmo, a imagem! Não a imagem pela imagem, mas a imagem texto manifesto não apenas na forma, mas no que diz e omite.

Joly (1996, p. 32) diz que mais importante que dizer o que é imagem é entender o que ela quer dizer. Para compreendê-la e interpretá-la em sua plenitude e poder responder as questões imposta no Enem, se faz necessário ter acesso a um método que nos conduza neste caminho intrigante, já que poderá ser óbvio para uns e obscuro para outros. A imagem é reflexo consciente, ou inconsciente, de quem a produz, e sua leitura dependerá de vários fatores, inclusive os conhecimentos e bagagens pessoais de quem almeja desvendá-la.

A história e a antropologia são testemunhas da presença da imagem na vida do homem, das pinturas rupestres até as novas mídias. Portanto, não apenas sua produção, mas também a compreensão da mesma, sempre foi objeto de inquietação e estudo, resultando na criação de métodos que objetivam apresentar procedimentos capazes que levar à compreensão e interpretação de imagens.

A iconologia, ou seja, ciência da imagem, é um método de interpretação de imagem, em que a leitura de um tema se faz por meio do estudo do contexto histórico-cultural do objeto interpretado. Este método se constitui da exploração do campo das inter-relações entre imagem, arte e antropologia, feita pela primeira vez pelo pensador alemão Aby Warburg, cujos estudos serve até hoje para as reflexões sobre o estudo da imagem e da história da arte, sendo chamado hoje de “pai da iconologia moderna” (SEMAIN, 2011, p. 33).

De acordo com Norval Baitello (2010), as ideias de Warburg tinham um caráter inter, multi, e transdisciplinar e seus estudos serviram de base para outros autores, que também desenvolveram estudos iconológicos como Ernest Cassirer, Edgard Wind, Ernest Hans Gombrich, Fritz Saxl e Erwin Panofsky. De seus seguidores Panofsky é

hoje o mais conhecido, em função do trabalho “O significado das artes visuais”, onde desenvolveu e explicou o método iconológico.

Enquanto Panofsky propõe a reconstrução do contexto histórico por meio do objeto artístico e todo o processo de elaboração da imagem, Gombrich se contrapõe a ele, direcionando seu estudo à tradição, não se mostrando tão voltado a relação entre a realidade e a arte.

Panofsky está mais voltado para o método interpretativo, que toma como base mais a síntese do que a análise. Ainda que Panofsky tenha elaborado o método iconológico visando o entendimento da arte da Renascença, este pode ser aplicado em qualquer momento da arte, para Raquel Quinet Pifano (2010), ele procura no contexto do artista e da obra, elementos capazes de nutrir a imaginação deste, mesmo que de maneira inconsciente.

Aliando tais pressuposto ao fato de se tratar aqui de um exame que objetiva medir igualmente a todos os candidatos, dando-lhes igualdade de condições, foi eleito o método iconológico como instrumento que auxiliará na análise interpretativa das questões que envolvem imagem, dentro da avaliação de espanhol do Enem. A escolha por este método se justifica pelo caráter didático do mesmo, bem como pelo fato de lançar mão de conhecimentos que vão além do idioma em questão, confirmando, assim, o caráter interdisciplinar do exame.

A vida imita a arte, ou quem sabe seja o contrário, o fato é que diante de uma imagem estampada em uma parede, em um cartaz, uma página de jornal, uma avaliação, além de tantas outras possibilidades, para muitos será como se estivesse diante de uma pintura abstrata, que lhes parecerá, ou não, um enigma. No entanto, ainda assim serão capazes de captar desta imagem o que Panofsky (1986, p.50) chama de formas puras, ou seja, reconhecerão o nível pré-iconográfico da obra, assim descrito pelo autor:

É apreendido pela identificação das formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor, ou determinados pedaços de bronze ou pedra de forma peculiar, como representativos de objetos naturais tais que seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas e assim por diante; pela identificação de suas relações mútuas como acontecimentos e pela percepção de algumas qualidades expressionais, como o caráter pesaroso de uma pose ou gesto, ou a atmosfera caseira e pacífica de um interior. O mundo das formas puras assim reconhecidas como portadoras de significados primários ou naturais pode ser chamado de mundo dos motivos artísticos.

Ao ser capaz de reconhecer os aspectos factuais e expressivos de uma imagem, quer dizer, relacionar a imagem a códigos que ultrapassam a percepção apenas da forma, como por exemplo relacionar a imagem a um costume (um código pré-estabelecido, como uma placa de trânsito) reconhecendo na imagem histórias e alegorias, estará transitando pelo nível secundário ou convencional, que Panofsky (1986, p.51) assim descreveu

A identificação de tais imagens, histórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por "iconografia". De fato, ao falarmos do "tema em oposição à forma", referimo-nos, principalmente, à esfera dos temas secundários ou convencionais, ou seja, ao mundo histórias e alegorias, em oposição ao campo dos temas primários ou naturais dos assuntos específicos ou conceitos manifestados em imagens, manifestados nos motivos artísticos.

A iconologia é um método que separa didaticamente os níveis, porém o próprio Panofsky esclarece que os mesmos são indissociáveis. Com o uso deste método na leitura de imagens em avaliações é possível graduar as questões de análise das mesmas, adequando-as ao objetivo e escolha do instrumento avaliativo, quer dizer, se uma avaliação, cujo objetivo é o processo, ou um exame, o qual visa aferir num momento estaque a quantidade de conteúdo internalizado, ou decorado, pelo sujeito que está sendo examinado. Busca-se demonstrar na prática esta afirmação, quando da análise das questões que compõe o *corpus* deste trabalho.

Os estudos de Martins, Gouvêa e Piccinini (2005) questionam a "transparência da imagem", tais estudos colocam em xeque a "ideia de que as imagens comunicam de forma mais objetiva e direta do que as palavras", já que dada a sua natureza de "linguagem visual se constitui em um sistema de representações simbólicas", assim que sofreria dentre outras influências a da cultura de quem produz e de quem analisa, visto que por trás de cada imagem há "a intencionalidade do autor, a materialidade do texto e as possibilidades de ressignificação do leitor".

É exatamente por concordar com a existência destes fatores, que certamente influenciarão na leitura, compreensão e interpretação das imagens, que escolhemos a método de Panofsky como meio de interpretação das mesmas, sendo factível também, por meio deste mesmo método, a graduação e calibragem do nível de aprofundamento e dificuldade das questões interpretativas.

Outrossim, é inquestionável que o grau de percepção e aprofundamento em um texto imagético é variável, logo não há como esperar que todos façam a mesma leitura,

menos ainda arbitrar que correta apenas poderá ser uma única resposta, fruto do entendimento de quem elaborou a questão, que se encontra em um determinado lugar político, e porque não dizer de memória, que lhe é particular, ainda que repleto de significações por vezes coletivas. Tal posicionamento, ou seja, esperar unicidade nas interpretações desqualifica o outro, negando-lhe o direito de encontrar seu próprio caminho diante das variáveis apresentadas pelo texto imagético.

Existem textos verbais cuja função é objetivamente a de informar, outros a de possibilitar reflexões, deleite, motivação, indicar dados... Enfim, várias são as possibilidades, vários são os objetivos e conseqüentemente muitas serão as possíveis leituras. De igual maneira é possível encontrar nos textos imagéticos, mistos ou não, uma gama de possibilidades, logo, a falta de objetividade das imagens frente as palavras está vinculado ao teor do texto em questão, das informações subjacentes, e do nível de aprofundamento que se espera.

Assim, no caso de uma avaliação ou exame, o estilo, objetivo e proposta desta é que serão determinantes na escolha das imagens e na elaboração das questões, possibilitando clareza e objetividade. Conforme Paiva (2006, p. 19) “É preciso lembrar que ‘a imagem não se esgota em si mesma’. (...) A imagem não é o retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou objetos históricos”.

Imagens de cunho histórico, como fotografias, pinturas com representações históricas, tiras, charges abrem um leque de possibilidades, já que estas oferecem elementos capazes de conduzir a várias leituras, sendo portanto um objetivo pertinente reconhecer os conhecimentos intrínsecos, entendendo esta leitura como pertencente ao terceiro nível, assim explicado por Panofsky (1986, p. 51)

Significado intrínseco ou conteúdo: é apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra.

Entende-se então que, a proposta de Panofsky resulta em um método que analisa a imagem em três níveis, em um primeiro olhar são reconhecidas as formas puras, que já possuem um conteúdo pertencente ao mundo dos “motivos artísticos”, assim nomeado pelo próprio Panofsky, correspondendo este a descrição pré-iconográfica da obra.

Nesta etapa de interpretação, que na verdade não é mais do que uma descrição, haverá uma fácil identificação dos motivos artísticos, já esta dependerá basicamente da experiência prática do sujeito, portanto, acessível a qualquer indivíduo. No entanto,

Panofsky adverte que poderá sua prática não ser suficiente para o reconhecimento de determinadas formas, por exemplo, um objeto alheio a seu campo de conhecimento, e para sanar tal lacuna, o mesmo sugere que se busque conhecer a história do estilo, e assim por meio da comparação será possível identificá-lo.

Mas, o próprio Panofsky também adverte que uma exata descrição pré-*iconográfica* não acontece sem que se saiba adivinhar (termo usado por Panofsky) o seu *locus* histórico. Panofsky chama de adivinhar porque será tomada para esta leitura o que está sendo visto, e esta representação varia de acordo com as condições históricas, e é justamente esta variação que o mesmo chamará de história dos estilos. Perceber as variações de estilo é o que garantirá a interpretação correta do tema primário.

O segundo nível corresponde ao da análise - nível secundário ou convencional. Neste os motivos artísticos são associados a um conceito, ou seja, é possível reconhecer em um motivo artístico um significado determinado por convenção. A estes motivos artísticos combinados de uma convenção é que Panofsky chama de imagem, e a combinação de imagens são chamadas pelo mesmo de “alegorias ou histórias” (Panofsky, 1991, p. 58).

A análise destas imagens, alegorias ou histórias é o que constitui a iconografia, a qual diz respeito a intenção consciente do artista, mas Panofsky adverte que nem sempre as qualidades expressivas da representação são intencionais. Neste nível de análise é necessário mais que experiência prática, é necessário o conhecimento de temas específicos ou conceitos adquiridos por fontes literárias ou tradição oral.

O terceiro nível é o da interpretação, ou seja, *iconológico*. Neste se revela o significado profundo da imagem, é a compreensão de seu significado intrínseco ou conteúdo. Sua identificação é construída dos princípios subjacentes que revelam a atitude básica de um período, uma nação, classe social, ideologia, crença religiosa ou filosófica, que são condensados em uma obra. Ao analisar o método de composição e os significados *iconográficos* na obra é possível perceber a atitude básica do artista determinada por seu contexto histórico.

Transpor tais conceitos para as imagens presentes nas questões do Enem é a chave para sua compreensão e interpretação, logo, para a resolução do que é cobrado na mesma.

2.2 Panofsky e o Enem: Da teoria à prática

Neste item, temos o objetivo de apresentar as questões que envolvem textos imagéticos e mistos, presentes nas questões relacionadas a língua espanhola no Enem, dos anos de 2013 e 2015, ambas da primeira aplicação, ou seja, não foram analisadas as questões presentes nos exames de segunda aplicação, os quais são destinados aos que estão privados de liberdade (PPL), pois entendermos que estes possuem características específicas, as quais podem e devem ser tratadas em um outro momento.

Assim nos debruçamos sobre cada uma dos itens com o objetivo de identificar qual o papel atribuído à imagem nas questões de língua espanhola destes exames, observando tanto os enunciados quanto as alternativas, quais habilidades da Matriz de Referência se fazem presentes, e a vinculação entre a imagem e os enunciados das questões, e quais caminhos interpretativos seriam viáveis a partir de Panofsky (1932) com o método iconológico.

Enem 2013

Imagem 1- Tatulandia (Enem 2013)



TUTE. Tutelandia. Disponível em: www.gocomics.com. Acesso em: 20 fev. 2012.

A charge evoca uma situação de disputa. Seu efeito humorístico reside no(a)

- A) aceitação imediata da provocação.
- B) descaracterização do convite a um desafio.
- C) sugestão de armas não convencionais para um duelo.
- D) deslocamento temporal do comentário lateral.
- E) posicionamento relaxado dos personagens

No item 91, do Enem 2013, apresentado acima, está bastante claro que a imagem em questão trata-se de um cartum e não uma charge, pois como o próprio enunciado destaca há o “efeito humorístico”, o qual não está atrelado a figura ou acontecimento da atualidade de nenhum país especificamente, mas sim a um costume do passado, que sofreu alteração nos dias de hoje, “ya no es como antes”.

A crítica neste cartum se refere a mudança de comportamento humano, pois ao observamos a imagem percebemos pontos que situam a ação em um dado lugar: o espaço é fechado, o cenário onde se encontram os personagens é uma sala, ou quarto, com um único objeto em destaque, uma lâmpada pendurada, o traje usado pelos dois senhores, bem como o bigode e chapéu nos remete facilmente a imagem de mafiosos, os quais resolviam suas disputas por meio de enfrentamento armado, eis aí o efeito humorístico.

Há uma quebra de paradigma ao sugerir que as armas sejam objetos relacionados as novas tecnologias, pois como já foi dito “ya no es como antes”, e a disputa se dará em outro tipo de batalha e com outras armas. Isso está presente na fala: “Esta bien, pardo. Pero yo con el joystick y usted con las teclas.” Será então esta sugestão de armas não convencionais para um duelo (c), o elemento responsável pelo efeito humorístico.

A imagem nesta questão foi fundamental para a compreensão do texto, há uma comunhão entre o texto verbal e o imagético, e da união destas duas partes, ambos os textos adquirem significado. Ao solicitar que o candidato identifique nesta produção não apenas a diversidade cultural, mas também linguística, trata o Enem de avaliar a habilidade 8 (Reconhecer a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural e linguística).

Quanto as outras alternativas presentes na questão são facilmente descartadas após a compreensão da situação posta pelo cartum, pois aceitar o embate, tratando-se de dois mafiosos não causa sequer surpresa (a), não é possível afirmar que houve descaracterização do convite, há uma sequência narrativa linear, absolutamente compatível com a situação, até que se fala das armas do duelo (b), o comentário lateral situa o leitor, abrindo um canal de expectativa para o que estaria por vir (d), e por fim observa-se que a postura de ambos está mais relacionada ao formal que a informalidade, ou relaxamento.

Ao fazermos o levantamento dos elementos relacionados as formas, como espaço fechado - identificado pela presença de uma lâmpada; tipo de traje e acessório - o chapéu e lenço no pescoço; características pessoais - como o uso e modelo de bigode; a postura séria - mãos nos bolsos; estamos analisando a partir da chamada por Panofsky de formas puras, ou pré-iconográfica.

O levantamento feito no primeiro nível auxilia na identificação de elementos que se alinham ao nível iconográfico, pois o traje, a postura, o tipo de bigode e

uso de lenço no pescoço e o chapéu tipo panamá, remete facilmente a figura dos mafiosos.

O reconhecimento da semelhança entre a figura dos homens da máfia e os personagens presentes no texto misto, relacionado a questão 91, dá margem a uma interpretação mais profunda, identificando a alegoria presente na imagem, pois esta remete ao período da lei seca nos Estados Unidos, quando muitos gângsteres oriundo da Itália chegam a este país, tratando, dentre outras coisas, de fazerem contrabando e de cobrarem suas vítimas de forma violenta, com o uso de arma de fogo, ou arma branca, a qual é substituída na questão por instrumentos relacionados as novas tecnologias, o que surpreende e provoca humor. Esta compreensão se dá a nível iconológico.

Como o próprio Panofsky dizia, a pesar de separados os níveis, os mesmo se complementam, dando ao final uma leitura mais ampla da imagem.

Enem 2015

Questão 93



Disponível em: www.lacronicadeleon.es. Acesso em: 12 mar. 2012 (adaptado)

A acessibilidade é um tema de relevância tanto na esfera pública quanto na esfera privada. No cartaz, a exploração desse tema destaca a importância de se

- A) estimular os cadeirantes na superação de barreiras.
- B) respeitar o estacionamento destinado a cadeirantes.
- C) identificar as vagas reservadas aos cadeirantes.
- D) eliminar os obstáculos para o trânsito de cadeirantes.
- E) facilitar a locomoção de cadeirantes em estacionamentos

O texto apresentado na questão 93, do exame do Enem de 2015, traz no referido item uma imagem que a priori poderia ser identificada como um símbolo, cujo objetivo e função seriam o de sinalizar, informando, orientando, e advertindo a condutores e pedestres quanto ao espaço destinado aos cadeirantes.

Entretanto, o enunciado da questão específica que é um cartaz, e com um olhar mais atento encontramos no mesmo, traços que o identificam como tal, tais como: a linguagem verbal e a imagética estão aliadas com o objetivo de transmitir uma mensagem, no caso específico do texto apresentado na questão, visam convencer, persuadir aos não cadeirantes a não utilizarem as vagas destinadas a estes; uso de verbo no imperativo, típico da linguagem apelativa; texto curto e criativo; e o uso do jogo de palavras aliado à imagem.

A escolha deste assunto, mobilidade, dialoga com outros temas, demonstrando a transversalidade da questão, e sua função social, ações descritas na habilidade 7 (Relacionar um texto em língua estrangeira moderna, as estruturas linguísticas, sua função e seu uso social).

Ao se questionar quanto ao tema que foi explorado por meio do cartaz, se averigua a capacidade de compreensão do candidato tanto do aspecto linguístico, quanto imagético, resultando numa dedução lógica quanto ao cunho social do cartaz.

A imagem nesta questão cumpriu sua função dialética, promovendo não um debate, mas sim um diálogo entre o texto verbal e o não-verbal imagético, o que resultou na compreensão do valor intrínseco atribuído à mesma quando se questiona qual a importância destaca o cartaz.

A resposta a tal questionamento é identificada na alternativa (b), respeitar o estacionamento, ou seja, a vaga do cadeirante, não tornando sua vida mais difícil aumentando as barreiras. A alternativa (a) seria facilmente descartada pelos candidatos que possuísse um certo domínio linguístico, pois ao usar a expressão “quédate” fica claro tanto pela desinência verbal, quanto pelo pronome oblíquo em posição posposta, que a mensagem se destinava a outrem, no caso à 2ª pessoa do singular, ou seja, é o apelo de um cadeirante a quem lê o cartaz, logo o cadeirante é o emissor da mensagem, e não o receptor, portanto não estariam eles sendo estimulados. A proposição (d) também não pode ser considerada assertiva pelo fato de que a identificação das vagas já existe, o símbolo usado no cartaz representa esta identificação, falta o respeito a ela. A facilidade de locomoção (e) nos estacionamentos ocorrerá a partir do momento que os espaços destinados aos cadeirantes sejam respeitados, como é o caso das vagas e das rampas de acessibilidade.

Aplicando o método iconológico para a resolução desta questão teremos o seguinte resultado: a identificação da imagem de uma pessoa em uma cadeira de rodas, porém sem nenhum traço diagonal significa que não há restrição à presença de cadeirantes naquele espaço, logo o reconhecimento da forma (nível pré-iconográfico) conduz a associação a placas e/ou cartazes que objetivam proibir, ou permitir, ações representadas na imagem.

Ao relacionar a imagem a códigos que ultrapassam a percepção apenas da forma, como por exemplo relacionar a imagem a um costume (um código pré-estabelecido, como uma placa de trânsito) reconhecendo na imagem histórias e alegorias, estamos transitando pelo nível secundário ou convencional, ou seja, iconográfico.

Já em uma análise mais profunda, chegamos ao terceiro nível, que é o da interpretação, ou seja, iconológico. Neste se revela o significado profundo da imagem, é a compreensão de seu significado intrínseco ou conteúdo. Sua identificação é construída dos princípios subjacentes que revelam a atitude básica de um período, uma nação, uma classe social, uma ideologia, uma crença religiosa ou filosófica, que são condensados em uma obra.

Ao analisar o método de composição, e os significados iconográficos na obra, é possível perceber a atitude básica do artista determinada por seu contexto histórico. Transpor tais conceitos para as imagens presentes nas questões do Enem é a chave para sua compreensão e interpretação, logo, para a resolução do que é cobrado na mesma.

No caso da questão acima, atingimos o nível iconológico ao relacionar uma placa de regulamentação a uma ação educativa, visto que se apresenta não como proibitiva, mas educativa, mostrando através da imagem e texto verbal que o espaço destinado a cadeirantes deve ser respeitado.

Conclusão

Acreditamos ser possível ler uma imagem de forma empírica, visto que, cada pessoa carrega consigo um arcabouço de informações e experiências vivenciadas. Entretanto, demonstramos neste artigo o quanto o uso do método iconológico se apresenta como uma ferramenta facilitadora da tarefa de ler e interpretar os vários tipos de textos imagéticos presentes nas avaliações de língua espanhola, ressaltando ainda que, por ser um método teórico se constitui em um pilar de sustentação e direcionamento do ato de ler imagens, tendo no seu caráter expressamente didático, um indicativo de práticas de leitura e interpretação exitosas.

Referencias

COSTA, Ivoneide de França; ALVES, Maria da Conceição Amaral. **Desenho e Imagem**. In: Desenho, concepções e teorias. Ed. Desenho Forma e Simbolismo. Feira de Santana: Bahia, 2017

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Ed: Papyrus 1994

MARTINS, Isabel; GOUVEA, Guaracira; PICCININI, Cláudia. **Aprendendo com imagens**. Ciência e Cultura, Campinas, v. 57, n. 4, 2005, p. 38-40.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

PANOFSKY, E. **Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte na renascença**. In. Significado nas artes visuais. São Paulo: Perspectiva, 1991

PIFANO, Raquel Quinet. **História da arte como história das imagens: A iconologia de**

Erwin Panofsky. Fênix -Revista de História e Estudos Culturais. Minas Gerais, 2010

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens/Lúcia Santaella**. São Paulo: ed. Melhoramentos, 2012

SAMAIN, Etienne. **As “Mnemosyne(s)” de Aby Warburg: Entre antropologia, Imagem e Arte**. Revista Poiésis, nº17, p. 29-51 Jul.de 2011